

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA-LICENCIATURA**

**Amanda Alvernoz Acosta**

**A literatura como recurso para abordar comportamentos infantis.**

**Porto Alegre  
2º semestre 2010**

**Amanda Alvernoz Acosta**

**A literatura como recurso para abordar comportamentos infantis**

**Trabalho de Conclusão apresentado à comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em pedagogia.**

**Orientadora:**

**Profa. Dra. Annamaria Píffero Rangel**

**Porto Alegre  
2º semestre 2010**

Ao concluir este trabalho quero agradecer...

... à minha família, por todo o incentivo que me deram e pela alegria que sinto em saber que se orgulham muito de mim...

...à família do meu namorado, a qual considero minha segunda família, sou grata por todo carinho, incentivo e admiração.

... ao meu namorado, o qual é meu amigo, meu companheiro, meu amor, por todos os momentos que compartilhamos e vamos compartilhar.

...à minha orientadora, professora Annamaria Rangel, pela dedicação, paciência e conselhos que vão além deste trabalho.

... às minhas amigas que tornaram o período da faculdade mais feliz: Gabriela, Fernanda, Marla, Paula, em especial, agradeço a Sabrina e Liziane que viveram intensamente este momento junto comigo.

... às crianças que participaram desta pesquisa e que me proporcionaram muitos momentos divertidos.

Ler, para mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!

Abramovich, 1995, p. 14

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA  
TÍTULO: A LITERATURA COMO RECURSO PARA ABORDAR  
COMPORTAMENTOS INFANTIS.  
ALUNA: AMANDA ALVERNOZ ACOSTA  
ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> ANNAMARIA PÍFFERO RANGEL  
EDU03081-REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE- 0 A 7 ANOS  
8º SEMESTRE  
2010/2

### Resumo

Este trabalho foi elaborado por meio de estudo de caso e de pesquisa-ação, a partir das vivências do período de estágio curricular, realizado numa turma de Jardim de uma escola pública de Porto Alegre, e também, através do estudo feito em uma turma de Maternal de uma escola particular da mesma cidade. A pesquisa foi desenvolvida com a finalidade de auxiliar a criança no processo de compreensão de si e do outro, de entender os limites e ajudá-la a construir valores. O objetivo era proporcionar, através da literatura, contato com personagens que apresentavam características de comportamento semelhantes às observadas em ambas as turmas, para verificar se ocorria identificação e alteração de comportamentos. A questão que norteou a pesquisa foi: *a utilização da literatura como recurso para abordar comportamentos infantis promoverá a melhora de relacionamento entre as crianças?* A partir disso, foi criado um projeto específico. O referencial teórico está baseado nos estudos de Piaget, em autores da área de literatura e em pesquisadores das diferentes áreas de conhecimento. Durante o desenvolvimento do projeto, observou-se a identificação das crianças com as histórias e a forma como se permitiam brincar com as suas características, além disso, o ambiente tornou-se mais agradável. Conclui-se que, a partir do conhecimento de si, do outro e do trabalho realizado diariamente com as turmas, tal mudança se fez possível.

Palavras-chave: Literatura infantil. Comportamentos. Identificação

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Livros utilizados na pesquisa.....	20
Quadro 2 – Livro confeccionado pela turma de Jardim .....	32
Quadro 3 – Livro confeccionado pela turma de Maternal.....	34
Quadro 4 – Sujeitos analisados turma de Maternal .....	35
Quadro 5 – Sujeitos analisados turma de Jardim.....	37

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2. AFETIVIDADE, VALORES E LIMITES: SUAS RELAÇÕES COM O PROCESSO DE CONHECIMENTO DE SI</b> .....	11
2.1. AFETIVIDADE .....	11
2.2. LIMITES .....	13
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	18
3.1. DESCOBRINDO COMO EU E NÓS SOMOS A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL .....	18
3.2. LIVROS .....	19
3.3. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E AS DIFERENTES ÁREAS DO CONHECIMENTO .....	20
<b>4. AS HISTÓRIAS E A IDENTIFICAÇÃO</b> .....	27
<b>5. ALTERAÇÃO DE COMPORTAMENTOS</b> .....	35
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42
<b>ANEXOS</b> .....	43

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso surgiu a partir do que foi vivenciado no período de estágio de docência do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS, realizado numa turma de Jardim com crianças de cinco anos de idade. Durante as duas semanas de observação propostas para conhecer a turma, reparei que as crianças reagiam de diferentes maneiras para se expressar e apresentavam características comuns do universo infantil como medo, curiosidade, teimosia, choro e etc. A partir desses comportamentos observados foi escolhido um tema com o intuito de que a turma se identificasse, mas de uma maneira descontraída e agradável.

Portanto, criei um projeto específico para a turma o qual foi chamado: *Descobrimo como eu e nós somos a partir da Literatura Infantil*. Para realizá-lo foram selecionadas diferentes histórias e a escolha se deu através das características dos personagens principais e suas semelhanças com as crianças. Porém, tal comparação não foi feita a elas, essa análise deveria ser uma conclusão feita por cada um.

Cada história trazia elementos que permitiam a discussão e o estudo de diferentes temas, os quais englobavam diversos assuntos e se desdobravam no estudo de vários conteúdos. Assim, as crianças podiam saber como é e como funciona nosso corpo, conhecer a sua localização no mundo e características culturais, bem como conhecer a localização e aspectos culturais de uma variedade de países, ter contato com as Artes através da Música, das Artes Plásticas, Escultura, enfim as histórias estão cheias de riquezas à espera de nós para explorá-las da maneira mais criativa e prazerosa.

Pensei em tal projeto de modo que pudesse ser atrativo para as crianças e de forma que conseguissem se ver nele, que o universo delas estivesse presente de alguma maneira. Por isso, escolhi utilizar a literatura como grande aliada para desenvolver as questões que se faziam presentes diariamente na sala de aula.

Dois meses após o término do estágio, comecei a trabalhar como professora de uma turma de maternal composta por nove alunos com idades entre três e cinco anos, e novamente observei diversas formas de se expressar. Nesta turma ficou mais evidente a dificuldade das crianças em lidarem com suas emoções e de como reagir diante de variadas situações relativas a regras, respeito e vontades. Portanto, refleti o quanto as questões abordadas no projeto que desenvolvi na turma de Jardim são frequentes no cotidiano das classes de Educação Infantil, e principalmente, de como é fundamental trabalhar com a compreensão de si e do outro.



Diante dessas observações e reflexões uma questão conduziu meu trabalho: *a utilização da literatura como recurso para abordar comportamentos infantis promoverá a melhora de relacionamento entre as crianças?* O objetivo da minha pesquisa era proporcionar, através da literatura, contato com personagens que apresentavam características de comportamento semelhantes às observadas entre as crianças. Diante dessa proposta, verificar se ocorria identificação e alteração de comportamento.

Para a turma de maternal desenvolvi um projeto com o mesmo título. Utilizei quase todas as histórias as quais foram contadas na turma anterior, porém o projeto foi pensado de acordo com as necessidades desta classe.

Acredito que a literatura permite às crianças “viajar pelo mundo da fantasia” e colocar-se no papel das personagens. Através da imaginação podem se transformar no que desejarem e essa magia é fundamental ao universo infantil. A intenção foi possibilitar a percepção da semelhança existente entre elas e os personagens. Dessa forma, então, permitir que refletissem, sem que fosse preciso dizer que se comportavam de tal jeito.

A literatura, para além do seu caráter lúdico e imaginativo, pode ajudar a criança na compreensão de diversos assuntos e abordá-los de uma maneira atrativa e interessante. Abramovich (1997, p. 17) argumenta sobre a diversidade da literatura infantil:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (Abramovich, 1997, p.17)

E desta forma os projetos foram desenvolvidos. Viajamos por diferentes países, além de saber mais sobre o nosso lugar e nosso jeito de ser. Brincando, imaginando, conhecendo e nos divertindo. A literatura nos proporcionou viagens a lugares fora e dentro de nós talvez nunca antes visitados... O que estamos esperando? Vamos em busca desse mundo mágico, nos aventurar em territórios cheios de diversão, conhecimento, culturas, curiosidades, onde só o universo completo da literatura poderia nos levar.

Portanto, convido você para a leitura, inicialmente, de um capítulo que aborda a afetividade no processo de aprendizagem, no qual defendo a idéia de Piaget que não se pode separar afetividade de cognição, além disso, no mesmo capítulo busco compreender melhor o significado da palavra limite e como embasamento me apoio nas idéias de La Taille. Saliento ainda a ligação da afetividade e limites com o processo de construção de valores. No capítulo seguinte, explico como surgiu a pesquisa e as estratégias que foram utilizadas para

desenvolvê-la, também relato a contribuição das diferentes áreas do conhecimento, utilizando como aporte alguns pesquisadores. No capítulo *As histórias e a identificação* trago momentos em que as crianças relacionaram as histórias e os assuntos com elas, bem como a forma como se sentiram à vontade e integrantes do projeto. Como referencial utilizo Zilberman e Abramovich. Passo então, para as análises que fiz das crianças antes e ao final da pesquisa. Por fim, apresento algumas considerações sobre a contribuição da literatura para abordar o assunto, além de outras questões, como, por exemplo, a valorização de si e do outro para auxiliar nas mudanças de condutas.

## **2. AFETIVIDADE, VALORES E LIMITES: SUAS RELAÇÕES COM O PROCESSO DE CONHECIMENTO DE SI**

### **2.1 Afetividade**

Dentre as diversas dúvidas e questionamentos que povoam as mentes humanas, podemos dizer que razão e emoção estão presentes, são provocadoras de grandes debates e reflexões há muitos anos. Já acarretaram pesquisas, temas de redação, reportagens, ou mesmo conversas informais, nas quais se define alguém, ou a si próprio, como emocional ou racional. Mas, afinal podemos dizer com tanta convicção que uma pessoa é racional ou emocional?

Piaget (1967), também, fez suas contribuições acerca do tema e afirma que razão e afetividade são indissociáveis. Para o autor, alguns indivíduos demonstram um interesse maior pelas pessoas e outros por objetos, o que pode fazer com que uns aparentem ser mais sentimentais e outros menos. No entanto, ele destaca que em todas as nossas condutas ambos os elementos se implicam. As pessoas são constituídas de razão e emoção, somos ao mesmo tempo cognitivos e afetivos. Basta analisar as ações que desempenhamos para verificar que aspectos cognitivos envolvem variados sentimentos.

Segundo Piaget, uma ação não pode ser puramente intelectual, por exemplo, quando resolvemos um problema matemático há diversos sentimentos envolvidos nessa atividade. Assim, como em outras ações: uma prova pode envolver ansiedade, ou gerar bem estar quando se está confiante quanto ao bom desempenho, uma pintura pode provocar sensações positivas, bem como insatisfação por não gostar desse tipo de atividade. Nesta última afirmação entramos em outra questão: o interesse. Piaget afirma que quando uma atividade interessa, faz a tarefa parecer mais fácil, tornando-a menos cansativa. Para o autor, pode ocorrer melhor rendimento dos alunos quando recorremos aos seus interesses e quando os conhecimentos que lhes são apresentados correspondem às suas necessidades.

Certamente, demonstraremos melhor desempenho naquilo que nos agrada e a tendência é rejeitar o que não gostamos. De tal forma, que se não gosto de matemática, tentarei o máximo possível fugir das atividades que a envolvam. É possível observar que, muitas vezes, a dificuldade de aprendizagem está envolvida na resistência, pois se não tenho interesse em determinado conteúdo ou matéria procurarei atividades que me agradem, me proporcionem prazer e nas quais obtenho melhores resultados. Piaget argumenta que os aspectos afetivos não podem modificar as estruturas cognitivas, mas podem influenciar outros

fatores que auxiliem nas modificações. Para ele, a afetividade é um agente que motiva a atividade cognitiva.

Defendo que as atividades lúdicas são ao mesmo tempo enriquecedoras e interessantes para as crianças porque relacionam conhecimentos. Além disso, brincar, fantasiar, imaginar são aspectos característicos da infância, por isso são necessidades, sejam elas necessidades de caráter afetivo, cognitivo ou social.

Acredito que a escola necessita preocupar-se mais com os sentimentos e dar mais espaço a eles no ambiente escolar. Não podemos separar a afetividade da razão, nossos alunos não deixam suas emoções no portão da escola ou ao entrar na sala de aula. Se houver alguma dificuldade na realização de uma tarefa e principalmente se detestar determinada matéria será impossível separar o desgosto ou frustração diante dela. O oposto também ocorre: se a matéria proporciona prazer, fará sentir-se confortável quando as atividades a envolvem. O estado emocional influenciará nas aprendizagens, se estamos com algum problema, tristes ou mesmo eufóricos, reagiremos de maneiras diferentes sobre os conhecimentos.

Quando pensamos em escola as idéias não se restringem ao caráter cognitivo. Além, das lembranças de conteúdos outras sensações provenientes dela ficam guardadas em nossa memória. Podemos destacar que, em grande parte, essas recordações são mais marcantes, como por exemplo, as lembranças de colegas, professores, sala de aula, pátio, etc. Às vezes, um cheiro pode resgatar algum momento, ou nos fazer lembrar de uma pessoa, assim como também podemos recordar que tal pessoa ou que determinado momento tinha certo cheiro. A emoção de um professor ao falar de um tema, bem como a satisfação que demonstra pelo seu trabalho pode nos envolver. É possível que gostemos de uma matéria por ter tido um professor que esbanjava empenho e interesse num assunto, fato que acabou nos cativando.

Penso que é essencial compreendermos que nossos alunos são intelectualmente e afetivamente constituídos. Tal entendimento nos remeterá à compreensão de que a afetividade é integrante e fundamental à construção de conhecimentos, levando em conta esses fatores contribuiremos para que nossas práticas respeitem e entendam o processo de ensino aprendizagem de forma ampla, sem ser restrito à cognição.

A afetividade também está relacionada aos sentimentos morais. Segundo Piaget, ela é uma energia que faz com que ocorra uma valorização, primeiro de si, depois do outro. As valorizações surgem através dos interesses, pois o indivíduo simpatiza com as pessoas que respondem a eles. Bem como, a antipatia também é decorrente da afetividade, mas ao oposto da simpatia, ocorre pela falta de semelhanças.

Piaget acrescenta que o respeito é outro sentimento moral relacionado à afetividade. Pode-se dizer, inicialmente, unilateral porque a criança demonstra esse sentimento por aqueles os quais considera superiores a si, geralmente, pessoas mais velhas e os pais. Para ela, respeito é entendido como uma ordem e sentem-na como obrigatória. Essa lógica é muito frequente entre as crianças pequenas, basta perguntar-lhe o que é respeito e será confirmada essa idéia em muitas repostas. Em geral, elas dirão que é respeitar o pai, a mãe, é obedecer, etc.

Para Piaget, os primeiros valores morais da criança são originários da obediência, pois ela acredita que deve acatar aquilo que lhe é ordenado. Para que os valores sejam compreendidos pela criança é necessário que o respeito torne-se mútuo, assim ela compreenderá que esse sentimento deve ser o mesmo destinado às pessoas do seu grupo e aos mais velhos.

## 2.2 Limites

Atualmente é comum ouvirmos diversos comentários referentes às atitudes das crianças. Discute-se o fato de que elas não tem limites, fazem o que querem e que os pais satisfazem todas as suas vontades. Ao refletir sobre tais afirmações questiono-me: Qual significado atribuímos à palavra limite. Argumenta-se que há alguns anos atrás os pais mandavam e as crianças obedeciam e que nos dias de hoje os pais são permissivos. Parece-me que a definição da palavra é tão polêmica quanto às questões relativas às condutas das crianças. Então, o que é limite?

La Taille (2000) trata a palavra limite como uma metáfora, pois crê que muitas associações são feitas a ela e enfatiza que precisamos conhecer o verdadeiro sentido para que não a usemos de forma restrita. Uma das formas que utiliza para compreender melhor seu significado é a definição de fronteiras. Para ele, esse sentido engloba ideias além de caráter restritivo, no qual inúmeras vezes se associa limite a obstáculo, como se houvesse uma linha que nos limita até onde podemos ir. Destaca que fronteiras também são para serem cruzadas, ou melhor, transpostas, pois para o autor limite também é entendido como necessidade de transpô-los.

A idéia de fronteiras nos traz outras compreensões relacionadas à palavra. Várias vezes escutamos pessoas dizerem que querem vencer os seus próprios limites, entretanto, não julgamos nada de mal nisso, mas quando se trata de associar a palavra limites às crianças nos remetemos à compreensão de barreira, um local do qual não se pode passar. Acredito que

desejamos nos superar, ir além dos obstáculos que surgem nas nossas vidas. Isso não significa que ultrapassar algumas fronteiras não implique em certas regras.

Outra questão abordada pelo autor diz respeito ao olhar de uma geração anterior sobre a seguinte. Destaca que a mais velha considera a mais nova como sem juízo. Porém, La Taille salienta que uma juventude é reflexo da sociedade atual, resultado do que vive, portanto, se carece de limites, no sentido mais restrito da palavra, é por que deve haver a falta deles na sociedade em geral. Não é possível afirmar que uma sociedade é melhor do que outra, mas que cada uma é diferente da outra. Portanto, temos que nos adaptar às mudanças, analisando o que é mais condizente com a época em que se vive.

Toda geração se modifica e vale ressaltar que mudanças são necessárias se queremos evoluir e não ficar engessados no tempo. Quiçá, crianças nascidas em décadas anteriores não necessitassem de certos “limites” porque dentro daquele contexto não havia necessidade deles. Pode-se concluir também que não havia tantos aparatos eletrônicos, midiáticos e brinquedos que existem hoje, os quais criam um mundo de possibilidades e envolvem desejos, birras, vícios. Como citei anteriormente, mudar não é de forma alguma ruim, apenas precisamos nos adaptar às mudanças e não confundir amor com recompensas, fato que acontece com frequência. Muitos pais acreditam que precisam satisfazer todas as vontades dos filhos e então se cai na armadilha da permissividade. Presumo que ser permissivo é uma definição tão inadequada quanto ser autoritário.

Talvez, esteja na autoridade a incidência de maiores equívocos. Segundo La Taille (2000) se ausência de limites é um fato notável em muitas pessoas, o excesso deles também sufoca. Entendo que limites não são dados, nem impostos, são colocados ou construídos. São nas situações diárias que a criança pode perceber que suas ações tem consequências. Ficar prevenindo conflitos ou mesmo promovendo a moral a partir sermões não são eficazes.

Conforme Piaget (1994) o desenvolvimento moral possui três fases: anomia, heteronomia e autonomia. Para ele, a criança nasce na anomia, na qual suas condutas são determinadas por necessidades básicas. A fase de heteronomia é baseada em relações unilaterais, cita que a criança acredita que deve obedecer a regra rigorosamente. Na última fase, a autonomia, as regras são respeitadas e estabelecidas através de acordos mútuos, ou seja, a origem da regra está no próprio indivíduo. Ainda de acordo com Piaget, quando estabelecemos um acordo com as crianças e juntos discutimos e construímos as regras, elas as respeitam porque também são parte de sua construção o que corresponde em respeitar a si mesmo.

Acredito que podemos desde cedo trabalhar com as crianças as questões morais. Para tal finalidade é essencial saber reconhecer suas fases de desenvolvimento, compreendendo que na heteronomia ela ainda não pode tomar decisões sozinha e necessita de referências, principalmente, precisa superar tal etapa em busca da autonomia. Oportunizar a criança conviver diariamente com situações de reciprocidade é fundamental, dessa forma ela observará que podemos estabelecer relações através de acordos e de respeito mútuo.

De acordo com La Taille (2000) uma boa educação não significa o estabelecimento de inúmeras regras, assim como uma regra não pode ser fechada em um único princípio. As virtudes são integrantes da moralidade e é preciso avaliar a ação. Algumas atitudes tomadas dentro de um contexto podem ser a melhor alternativa naquela situação. Por isso, a educação moral deve proporcionar à criança o entendimento de que necessita de um bom conhecimento de si, uma vez que interpretar princípios não é simples.

O autor acrescenta que tem ocorrido muitas falhas na educação moral porque se deixou de lado as virtudes e os sentimentos de honra e dignidade, pois numa sociedade competitiva nos preparamos muito mais para vencer os outros do que nos preocupamos em superar a nós mesmos. É lamentável que nos fixemos tanto nos demais como parâmetro. Preparamo-nos o tempo todo para ser melhor que o outro e, muitas vezes, nos damos conta disso a partir das ações das crianças, daí queremos julgá-las, pregar-lhes lições de moral, mas elas observam tais características e atitudes ditas como corretas nas pessoas que as cercam?

Os valores serão compreendidos pelas crianças a partir de ações vivenciadas na escola, na família, através de todas as suas interações. Por isso, é importante que observem entre nós atitudes de respeito, que possam enxergar as virtudes em nossos atos, que possam se dar conta que existe o autorrespeito bem como o respeito pelo outro. Assim, perceberão que não é possível fazer tudo o que queremos, em todos os momentos, porque existe o outro e quando fazemos tudo sem nos importar com os demais perdemos o respeito e confiança deles. O importante é que percebam que há uma reciprocidade entre as relações, e que quando desrespeito alguém posso não ser castigado ou punido, no entanto as pessoas podem me evitar por não ser considerado confiável. Piaget (1994) chama essas considerações de sanção e divide-a em duas: sanção expiatória e de reciprocidade. Na primeira, uma autoridade pune um indivíduo por ter ele cometido uma falta. Na segunda, há uma relação entre a cooperação e as regras de igualdade. Piaget acredita que quando a criança constata que existe cooperação ela entende que não há necessidade de mentir.

Aos poucos o respeito será compreendido, por isso, é importante deixar claro que o outro tem suas vontades, que cada um tem seu espaço. Assim, tal compreensão pode ser

construída. É através de exemplos que podemos mostrar à criança a melhor definição da palavra ou aquilo que podemos considerar como certo e errado. Se lhes damos ordens diretas para que elas cumpram sem questionar a autoridade, exercemos relação de poder, onde um manda e o outro obedece. Devemos explicar os motivos da situação, permitindo que o porquê de determinada ação ou atitude se faz necessária, para que ela comece a se dar conta de que respeito envolve reciprocidade.

Conforme La Taille (2000) os adultos que dão ordem de maneira categórica fazendo exigência da obediência estão colocando limites, entretanto, exercer esse poder de mandar envolve ausência de argumentos na ordem dada, pode resolver uma situação momentaneamente, estabelecida a partir da moral heterônoma, mas não prepara a criança em busca da autonomia.

Alguns adultos se valem do medo para fazer com que as crianças acatem a suas ordens. Seja se valendo no medo de punição, no medo de perder a admiração, o carinho, ou o amor dos pais. Para La Taille os pais que dizem aos filhos sentirem-se muito chateados quando eles desobedecem geram um sentimento de culpa na criança, bem como utilizam-se de chantagem.

Se dissermos à criança que mentir é errado, falar palavrões e insultar é inadequado, contudo fazemos com que ela viva em meio a todas essas atitudes, poderá entender que é possível nos valermos de tais atos em diversas circunstâncias e reforçamos a idéia da obediência porque, segundo Piaget (1994), a criança não pode ainda fazer a distinção do que é certo e errado na atitude dos pais, pois não consegue julgá-los devido ao afeto que sente por eles, o que faz com que ela dê razão à sua autoridade. Ao agirmos assim, ela também pode compreender que por ser criança deve evitar falar palavrão, insultar e mentir, mas que para o adulto não há nada de mal nisso, alimentando algumas ideias e frases que se ouve relacionadas ao fato de que crescer é bom porque se pode fazer tudo o que se quer sem que nos mandem. Idéias que sabemos serem fantasiosas porque limites fazem parte da boa vivência. Para se viver em sociedade nos submetemos a regras e não respeitá-las implica consequências.

Família, escola, enfim, todas as interações da criança são momentos em que se pode ajudá-la a compreender o que são limites e porque se fazem necessários, assim educamos para que seja capaz de fazer suas escolhas consciente de que toda decisão envolve responsabilidade e que cabe a ela arcar com as consequências de seus atos. Valer-se da ordem, de medo, de punição e de recompensas também são formas de colocar limites, contudo, alternativas de



finalizar um conflito sem que lhe demos a oportunidade de entender, refletir e participar da construção de seu desenvolvimento moral.

### 3. METODOLOGIA

Com a finalidade de auxiliar a criança no processo de compreensão de si e do outro, de entender os limites e ajudá-la a construir valores é que esta pesquisa foi desenvolvida. Além de tal proposta, meu objetivo era proporcionar, através da literatura, contato com personagens que apresentavam características de comportamento semelhantes às observadas em crianças de duas turmas de educação infantil, portanto verificar se ocorria identificação e alteração de comportamentos.

Além desses objetivos, a questão que norteou o estudo foi: *a utilização da literatura como recurso para abordar comportamentos infantis promoverá a melhora de relacionamento entre as crianças?* Neste capítulo apresento como foi realizada a pesquisa, as estratégias que foram pensadas e os procedimentos elaborados para desenvolvê-la.

#### 3.1 Descobrimo como eu e nós somos a partir da literatura infantil

O projeto “Descobrimo como eu e nós somos a partir da literatura infantil”, elaborado inicialmente para atender uma turma de Jardim composta por 17 crianças com cinco anos de idade de uma escola da rede estadual de Porto Alegre, foi desenvolvido durante o sétimo semestre do curso de pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, período correspondente ao estágio de docência. Tal projeto visava proporcionar uma identificação das crianças com os personagens, permitindo que brincassem com seus temperamentos e receios. A idéia dessa proposta surgiu diante de situações em que as crianças apresentavam dificuldades de expressar seus sentimentos ou de como lidar com eles, o que ocasionava constantes conflitos, tanto individuais como os que se formavam entre a turma.

Logo após a conclusão de meu estágio curricular, comecei a trabalhar como professora em uma escola de educação infantil particular, e lá observei essas mesmas características de comportamento. Ficou evidente para mim o quanto essas questões se fazem presente no cotidiano escolar, porém, parecem ser secundárias, pois pouco se trabalha com isso. Espera-se que a criança esteja pronta para lidar com as suas emoções, com regras e entender o limite do outro, entretanto, vale destacar que por tratar-se de educação infantil muitas estão ingressando na escola e para elas não são questões claras e muitos menos fáceis de aceitar. É necessário um olhar incisivo do professor e um ambiente capaz de atender essa diversidade de reações. O educador deve estar atento para colaborar com a criança nesse processo de compreensão de si e do outro.

Há entre os professores grande preocupação com os conteúdos, desenvolvem-se muitos projetos que abordam a questão da identidade, contudo tornou-se, a meu ver, uma padronização. Fala-se superficialmente sobre o nome do indivíduo, da escola e do bairro. O foco de tais propostas não parece ser o de ajudar a criança nesse processo de descoberta de si mesmo e de auxiliar na compreensão do outro, no entanto, vejo como mais um projeto burocrático planejado para preencher os conteúdos listados pela escola.

Essa é uma crítica que permeou meu trabalho e que me levou a refletir como seria possível trabalhar as diferentes áreas e desenvolver a compreensão de si e do outro, noções de respeito, valores e limites com as crianças. Minha dúvida era saber se poderia tornar possível a concretização de um projeto que contemplasse esses aspectos, abordando tais questões e fazendo-as presentes, sem que isso fosse exposto às crianças através de discursos, ou pela elaboração de atividades que ficassem promovendo a moral e prevenindo conflitos. Mas sim, que através da realização de atividades que tratavam do corpo, de culturas, das artes, das ciências, etc. compreendessem que suas opiniões e sentimentos são tão importantes quanto os das outras pessoas, além disso, que pudessem se perceber e perceber o outro como diferente. Portanto, elaborei meu projeto objetivando atender essas questões e respondo de que forma acredito ter solucionado minhas inquietações.

Nas duas turmas desenvolvi o projeto de acordo com as necessidades de cada uma delas, ou seja, com propostas semelhantes, mas cujo desenvolvimento se diferenciava. Primeiramente, escolhi histórias cujos personagens apresentavam características semelhantes às observadas nas crianças, após analisei aspectos secundários presentes nos livros selecionados. Assim, toda semana eu apresentava uma história que trazia um problema, como por exemplo: disputas por objetos, choros e gritos, oportunizando às crianças se identificarem, tirarem suas próprias conclusões e falava sobre outros elementos que apareciam nas histórias e que, além de atender as diferentes áreas do conhecimento, traziam noções de conhecimento de si e dos outros.

### 3.2 Livros

Para o desenvolvimento do projeto foram selecionados diversos livros. Optei por treze títulos para compor esta pesquisa, dentre os quais estão as seguintes obras:

Livro	Ideia central da história	Tema estudado
A caixa maluca	Disputas, brigas, curiosidade	Sentidos
Beleléu	Bagunça desorganização	Medo, noções topológicas
Chapeuzinho Amarelo	Medos	Medos, gráficos
O filho do Grúfalo	Teimosia	Florestas, Meio Ambiente
O grande livro dos medos	Medos	Medos, mapas
O Grúfalo	Mentiras esperteza	Florestas, Meio Ambiente
Maria vai com as outras	Imitação	Pólos, Egito
O jacaré preguiçoso	Preguiça	Alimentos
O menino que chovia	Choros	Chuvas
Pequenos manual de monstros caseiros	Diferentes modos de agir	Confecção de livro
Pinote, o fracote e Janjão, o fortão	Liderança, brigas	Artes
Rita, não grita!	Gritos, birras	Jogos e brincadeiras

### Quadro 1 – Livros utilizados na pesquisa

#### 3.3 O desenvolvimento do projeto e as diferentes áreas do conhecimento

Iniciamos com a história *A caixa maluca*, a qual fala sobre a disputa entre animais por uma caixa e sobre a curiosidade destes em saber o que havia dentro dela e a partir do livro estudamos os sentidos. Nessa temática as crianças aprenderam os nomes dos sentidos e suas funções, bem como perceberam a importância de alguns deles para as pessoas, por exemplo, os cegos que utilizam bastante o tato.

Dando continuidade ao nosso projeto trabalhamos com as diferenças e tal tema possibilitou à turma compreender que até irmãos gêmeos são diferentes. Ainda baseado nesse assunto fizemos comparações com os tamanhos das mãos, vimos a importância da impressão digital e conhecemos outros lugares. Localizamos alguns países no globo. Em um primeiro momento deixei que as crianças explorassem e fizessem suas perguntas. Após, mostrei um mapa mundi que continha imagens de crianças, as quais moravam em vários países do mundo e conversamos sobre as curiosidades culturais do local, como comida, música, língua. Para complementar eu citava uma frase ou uma palavra do idioma da região, e também ouvimos músicas do nosso folclore com ritmos de outros países, assim aproveitamos para conhecer alguns passos de cada dança típica. O Flamenco tornou-se a paixão da turma de Jardim! Aprenderam a reconhecer peculiaridades da dança e características de seu país de origem,

então, frequentemente, faziam comentários sobre o Flamenco ou sobre a Espanha. Já a turma de Maternal encantou-se com o Vira.

Em outras aulas, mostrei o mapa de Porto Alegre e falei sobre características da nossa cidade e de variados locais, também conversamos sobre os bairros da cidade, mostrando como eram e como são atualmente, estendendo o assunto falamos sobre os bairros onde estavam localizadas as escolas, sobre os bairros das crianças, os locais que conhecem e gostam. Dentro disso, surgiu a proposta de que as crianças mandassem um postal convidando uma “amiga” minha a conhecer o Brasil, a angolana Benedita (confeccionei uma boneca de pano) .

Elaboramos uma mensagem coletiva para o cartão e desenharam algum lugar que consideravam que a Benedita deveria visitar. Passado alguns dias a “Benê” chegou. As crianças aguardavam muito ansiosas por ela e pelas visitas em suas casas. A Benedita ia para a casa das crianças acompanhada de um caderno onde estavam registrados seus dados, suas preferências, características do seu país de origem e um conto angolano. Era solicitado que a criança também registrasse seus dados, contasse algo sobre o Brasil, sobre sua família e sua cultura. Quando ela retornava da casa de alguém líamos como foi o passeio e as anotações sobre cada um.

O projeto oportunizou alguns saberes de variadas culturas e entenderam que há diversas tribos de índios, as quais tem costumes diferentes. Propiciou também, a desmistificação das múmias, puderam perceber que são apenas cadáveres conservados porque havia uma crença do povo egípcio. Outros lugares estudados foram os pólos e descobriram com muito susto e curiosidade o fato de que não tem urso polar no pólo sul, que habitam apenas o pólo norte.

A turma refletiu sobre questões ambientais e viram que alguns efeitos são causados por nós. Estudamos sobre florestas, ar, água e os problemas que os envolvem como, por exemplo, queimadas, poluição e etc. Para abordar o assunto foram elaboradas variadas atividades e apresentadas diferentes situações práticas, bem como algumas curiosidades sobre animais, materiais e plantas.

Para visualizarem as regiões citadas e para que pudessem se dar conta dos diferentes territórios, novamente, foram utilizados como recursos globo e mapas. Kaercher (2004, p.14) argumenta sobre o uso de mapas:

É necessário sua utilização constante para que os alunos possam ver do que falamos. Explorar mapas, bem como fotos e imagens – seja de TV ou de revistas – é uma matéria prima fundamental para o estudo de geografia. Levá-los para sala, expô-los na biblioteca sem deixá-los nas estantes. Mostrar que se trata de uma linguagem muito específica que deve ser bem elucidada para que se possa retirar ao máximo de informações deste instrumento didático.

Penso que devemos explorar bastante tal recurso, pois é a melhor forma de mostrar do que estamos falando e de explicar as demarcações de países, estados, etc. além de dar sentido à noção de distâncias. A partir da temática meio-ambiente fizemos atividades que envolviam classificação, seleção e contagem. No decorrer observei que muitas crianças sabiam contar de memória, mas não quantificar o número e muito menos reconhecer o signo que representa determinada quantidade. Kamii (1984) afirma que é benéfico para a criança saber contar, reconhecer e escrever os numerais, mas que muito mais importante do que isso é ela construir o número mentalmente, pois se ainda não concebeu tal relação em seu pensamento terá apenas decorado e fará a contagem utilizando somente a memória.

Durante outras atividades realizadas eu notava que as crianças contavam as quantidades dos objetos quando eu solicitava, mas não havia reparado que era apenas uma memorização e que algumas propostas seriam complicadas de elas entenderem, pois ainda não haviam construído o número. Kamii destaca que não devemos deixar de ensinar a contagem, principalmente quando as crianças desejam esse conhecimento, no entanto o professor precisa ficar atento para perceber quando a contagem é feita de memória e quando ela está sendo realizada com sentido.

Diariamente, passei a solicitar ao ajudante do dia e a outros colegas também que entregassem folhas à turma, tapetes para sentarmos na roda de conversa e diversos materiais, muitas vezes faltavam objetos para alguns colegas e, então, aquele que foi incumbido da tarefa retornava para pedir mais. *“O foco do professor deve estar localizado no pensamento que se desenvolve na cabeça da criança, quando ela tenta conseguir um número de xícaras suficiente para todos, ou dois gomos de laranja para cada criança em sua mesa”*. (Kamii, 1984).

Foi diante da observação de tais atitudes que passei a aumentar esse tipo de ações e dar menos ou mais quantidades propositadamente para que se dessem conta de que sobravam ou faltavam objetos e de quantos sobravam ou faltavam, também passei a trabalhar com a divisão, distribuindo alguns materiais com o pedido de que dividissem entre as mesas.

Avançando nosso percurso, observaram que há famílias de diversas formações e buscaram a origem de seus sobrenomes. Esse momento foi especial para as crianças, pois se deram conta de que aqueles países estudados também fazem parte delas. As turmas sentiram-se integrantes do projeto, conseguiram se visualizar em cada parte trabalhada e traziam contribuições dos seus cotidianos, bem como estabeleciam comparações com suas vidas.

Ao longo da trajetória depararam-se com pintores de diferentes características, sejam elas de pinturas ou sobre as vidas de cada um. Tiveram a oportunidade de saber o que é um desenho abstrato e de conhecer obras famosas através de imagens e livros.

Embora, as crianças menores tenham mais espaço para fazer arte dentro da escola, é possível analisar que na maioria das vezes não se explora como poderia. As produções caem na mesmice e consideram-se como atividades de artes, por exemplo, contornar linhas, preencher espaços, pintar imagens prontas! A arte foi reduzida a tarefas desse tipo e talvez por isso, muitas vezes, seja vista como monótona dentro das propostas escolares. Nas duas turmas observei que as crianças não trabalhavam muito com tinta e refleti como em outros espaços também é pouco utilizada. “*A pintura não ocorre no espaço da educação, seja infantil ou fundamental. Pouco é explorada enquanto conhecimento que permite outros modos de interação entre a criança e o mundo*”. (Richter, 2002). Refleti como é gostosa a sensação de trabalhar com ela, senti-la, tocá-la, observar as cores e misturas que se formam. Por isso, resolvi explorar atividades com esse tipo de material.

Utilizei técnicas de grandes pintores e um pouco da história desses artistas para mostrar às crianças. Para introduzir a arte apresentei os retratos dos personagens principais da história *Janjão, o fortão e Pinote, o fracote* e trabalhei com autorretrato. No dia seguinte, levei um DVD com diversas imagens de pintores e suas obras, além de livros que ilustravam diferentes obras de artistas famosos, incluindo um somente com as obras de Iberé Camargo e outro sobre a infância do artista, enfatizando que temos na nossa cidade um museu dele.

Na semana em que contei a história *O Jacaré preguiçoso* estudamos um pouco sobre os alimentos e alimentação. Para dar início ao assunto perguntei quem comia e falamos sobre as preferências deles. Segundo Rosa (2001), devemos estimular as crianças a pensarem na origem dos alimentos, para que se deem conta de que há produtos originários de animais, que alguns são sementes, outros são raízes.

Acredito que necessitam saber do que estão se alimentando. Várias crianças não sabiam, e alguns até discordaram, que o queijo é feito de leite. Expliquei como os alimentos chegam às nossas casas e alguns processos de fabricação.

Foi interessante trabalhar com a pirâmide alimentar, gostaram de conhecê-la, ficaram atentos e curiosos quanto à classificação dos alimentos e com o que nos fornece cada grupo. A partir da pirâmide, conversamos sobre o que são alimentos saudáveis e não saudáveis. Procuramos em encartes de supermercados diversos alimentos para colocar em cada parte da pirâmide. As crianças souberam identificar cada tipo e quando selecionamos quais alimentos consideram-se saudáveis e os que não são saudáveis, elas souberam distingui-los

corretamente. Além disso, Estudamos a importância dos alimentos e exercícios físicos para a nossa saúde, também conhecemos o caminho que a comida percorre no nosso corpo. Para explicar o processo da digestão eu desenhei no quadro o caminho feito pelo alimento e mostrei o que ocorre.

De acordo com Rosa é fundamental que as crianças saibam o que acontece com a comida dentro do nosso corpo e que devemos representar a elas o caminho percorrido pelos alimentos e suas transformações durante a digestão. A reação de todos foi muito positiva e uma aluna comentou felizmente: “*Ai profe que legal... tu tá ensinado coisa do corpo pra gente!*”.

Quando contei a história *Rita, não grita!* elaborei um planejamento de brincadeiras e jogos. Uma brincadeira que nos detivemos muito tempo foi “Vamos passear na floresta.”. Dei este nome a uma brincadeira simbólica na qual imaginamos estar numa floresta. Foi impressionante como as crianças entraram na magia, como se empenharam em descobrir soluções para os desafios que surgiam, além disso, sugeriram outros lugares para visitarmos. Pediram que viajássemos para o deserto, queriam ir para o Egito, se lembraram que lá é muito quente e “cansaram” de caminhar, no entanto quando citei que havia anoitecido as crianças recordaram-se que a temperatura é muito baixa durante a noite e disseram: “*agora tá muito frio*”. Após a nossa expedição, sugeriram que fôssemos para a o pólo norte. Viajaram, se divertiram e relacionaram a realidade com a fantasia.

O lúdico faz parte do meu trabalho, procuro buscar a maneira mais atrativa de pensar uma aula, vale ressaltar que é uma maneira de pensar, não de fazer. A aula só se faz na prática, na experiência com os alunos e com o contato deles. O envolvimento da turma é que faz a diferença.

É muito comum nas escolas esperar pelo concreto, parece que nada é válido quando não se registra. É preciso finalizar a tarefa! Fornecer um papel para que o aluno registre ali o que aprendeu, o momento que ele vivenciou não é tão valorizado como o ato de colocar no papel.

Um professor precisa estar cercado de aportes teóricos e certo de suas convicções para argumentar o seu ponto de vista ao realizar uma aula centralizada pela brincadeira. Certamente, o professor que faz do lúdico uma presença constante em suas aulas vai ser questionado. Se não houver registros virá a pergunta óbvia: “mas o que eles estão aprendendo”. “Eles precisam registrar pra fixar”. Provavelmente, eu seria questionada se houvesse muitos observadores na minha sala. Todavia, eu sei o quanto este período esteve cercado de aprendizagens. Concordo com Fortuna (2009, p. 20)



A brincadeira assume especial importância na infância, pois é o modo predominante que a criança utiliza para relacionar-se e compreender o mundo, os outros e a si mesma. Enquanto brinca, ela cresce, aprende e se desenvolve, inclusive do ponto de vista neurológico, pois mais conexões sinápticas são formadas, estimulando o desempenho de diferentes funções cerebrais.

Observei durante as aulas a empolgação das crianças, os comentários, as relações entre elas e as relações que conseguiram estabelecer com os conteúdos estudados, por isso, tenho certeza de que houve aprendizagem, sem a necessidade de pedir para que desenhassem o que fizemos apenas para registrar, pelo contrário, acredito que isso seria acabar com uma aula cheias de propósitos a qual alcançou seu caráter lúdico e educativo.

Brincar, imaginar, vivenciar, acreditar, ousar! Fizemos isso durante a semana da história *Rita, não grita!* Estudamos diversas questões no nosso universo imaginativo, o que evidencia o sucesso de uma proposta lúdica pensada para ser realizada em conjunto com turma.

No período em que trabalhei com o livro “O menino que chovia” aproveitei o fato de o autor fazer uso do verbo chover, em vez de dizer que o menino chorava, para que se dessem do que é a chuva. Para compreenderem como ela se origina, explorei diferentes recursos que explicam o fenômeno de chuvas e trovoadas.

Em outras semanas já havia trabalhado com as ciências, e em todas as propostas eu utilizava recursos visuais para que pudessem acompanhar o processo como, por exemplo, realizar uma experiência com a finalidade de entenderem o motivo de ser tão frio nos pólos, acompanhar o crescimento de uma semente e etc. Nessa semana não foi diferente, utilizei uma linguagem simples ao contar uma história sobre a formação da chuva, já para que vissem como isso acontece fiz uma experiência, utilizando um aquário para simular como ela se forma. Além de explicar às crianças de uma maneira que o assunto se tornasse agradável, tive a preocupação de que elas acompanhassem tal fenômeno.

Considero que o ensino de ciências é pouco explorado na educação infantil. Existem diversos tipos de atividades e experiências que o professor pode realizar em sala de aula sem recorrer a materiais de alto custo. Durante as propostas que fiz, envolvendo o estudo de ciências utilizei materiais presentes no nosso cotidiano como, laranjas, garrafas, feijões, entre outros. As experiências proporcionaram às crianças momentos de extrema alegria e participação. Queriam acompanhar e ver o que estava acontecendo. No caso do feijão que plantamos, analisavam o tamanho dele todos os dias e na volta do final de semana era uma festa ao descobrir que havia crescido. “*O ensino de ciências na educação infantil propicia a interação com diferentes materiais, a observação e o registro de muitos fenômenos, a*

*elaboração de explicações, enfim a construção de conhecimentos e de valores pelas crianças.*” (Rosa, 2001).

Além dos recursos materiais, realizei simulações com as crianças, fiz desenhos, comparações, medidas. Destaco que aquele professor sem muitas habilidades com o desenho pode levar cartazes, imagens e vídeos de outros fenômenos estudados para mostrar o que acontece, deixando que as crianças olhem, explorem, perguntem. Antes de sair reclamando, é preciso pensar em estratégias que sejam tão interessantes quanto aquelas que ficam complicadas de se fazer. Rosa salienta que na educação infantil devemos abordar as temáticas de forma lúdica, ressalta que os projetos desenvolvidos com crianças devem englobar o uso de jogos simbólicos, envolver personagens da literatura e da televisão, e que além deles devemos utilizar e confeccionar materiais que ilustrem melhor os temas.

Realizamos uma simulação de como ocorrem raios e trovões, a qual fez com que se divertissem, puderam dramatizar um fenômeno comum que, frequentemente, provoca medo nas crianças. Portanto, observaram que é resultante da natureza e que o tão temido barulho é apenas uma batida entre nuvens semelhantes às que costumam acontecer entre eles.

No entanto, nosso projeto foi se aproximando da linha de chegada e antes de cruzá-la, observamos alguns tipos de moradias e aprendemos mais sobre a nossa. Cruzamos a linha com o nosso livro, o qual trouxe idéias muito bem elaboradas que evoluíram ao longo do caminho, pois se explorava bastante a construção de frases e textos, além do mais se questionava idéias e opiniões para que refletissem ou para que soubessem argumentar.

#### 4. AS HISTÓRIAS E A IDENTIFICAÇÃO

Se pedirmos a alguns adultos que falem sobre suas lembranças de infância muitos poderão citar as histórias que eram contadas pelos avós, pelos pais, pelos professores, pelos amigos, assim como as histórias que criavam para se refugiar num universo só seu. As recordações também podem ser de livros e personagens marcantes, pois há livros que parecem ter sido escritos para aquele leitor num determinado momento e outros em que os personagens se confundem com nós mesmos. Abramovich (1995) relata que se lembra de quando criança a mãe contar-lhe uma história cuja personagem principal era uma menina miúda como ela e por isso a história lhe acalentava, porque se via na personagem, sentia-se parte da história.

Uma história nos permite não apenas viajar por outros lugares, mas também nos aproximar da nossa própria vida. E é prazeroso deparar-se ali com situações semelhantes a que estamos vivendo e poder interagir com ela, muitas vezes, divertir-se com nossos conflitos. A partir de uma história é possível enxergar nos personagens dramas que também são nossos e, assim, nos proporcionar uma nova maneira de ver os problemas, um novo jeito de encontrar soluções, logo, refletir que podemos fazer diversas escolhas e nem sempre a decisão que tomamos pode ser a melhor. Para Abramovich as histórias proporcionam às crianças momentos humor e se pode rir, brincar, se divertir com as ações dos personagens e poder participar dessa situação. "É a cada vez ir se identificando com outra personagem" (Abramovich, 1995, p. 17)

A literatura também contribui com diversas informações e podemos encontrar numa história assuntos variados. A autora destaca que as histórias podem despertar o imaginário e satisfazer a curiosidade em relação a diversas dúvidas. A partir delas, a criança pode observar e tirar suas próprias conclusões sobre situações, conflitos, discórdias e encontrar outras idéias de solucioná-las. Acredito que o mais importante é que a criança seja capaz de fazer a análise do seu jeito, saber compreender da sua maneira e poder considerar se faria igual ou diferente. Abramovich afirma que muitos adultos impedem a criança de entender a história por conta própria, principalmente, quando se trata de uma questão difícil que foi resolvida pelo personagem. Ela enfatiza que nós crescemos e aprendemos a lidar com as nossas situações, bem como resolvê-las, de acordo com o que pensamos e não por terem sido explicadas por outras pessoas.

Portanto, escolhi a literatura como parte integrante e fundamental para abordar com as crianças seus medos, receios, conflitos, seu corpo, seu lugar, partindo de si para que também possam compreender o outro. De forma que fantasia e realidade se encontrem para que juntas

experimentem situações de diferentes jeitos, pois “*imaginar é recriar possibilidades*” (Abramovich, 1995, p.138).

Acredito que é impossível pensar em literatura sem relacioná-la à fantasia, principalmente, quando se trata de literatura infantil. Sendo assim, discuto uma questão já levantada por Zilberman (1990) o que é fantasia? Segundo ela podemos afirmar que não existe leitura ficcional sem que haja imaginação, pois nela se misturam sentimentos motivados pelo autor com o imaginário do leitor, o qual se aventura em territórios diversos do habitual.

Fantasia combina realidade com ficção. Os cenários e personagens se tornam presentes em nossas vidas no momento em que entramos em contato com eles, e por mais que saibamos que são fictícios a fantasia e a realidade se confundem. Assim, segundo Zilberman a imaginação faz uma simulação com coisas e pessoas conhecidas, porém reconhecemos seu caráter de invenção o que nos deixa a evidência de que não existem concretamente. A dúvida da autora é saber onde está a materialidade dessa relação visto que nos atingem tanto. Para ela pode-se dizer que tudo começa com a tal a fantasia. Salienta também, que sabemos que a fantasia existe porque a experimentamos empiricamente, mas desconhecemos sua forma.

Ainda de acordo com Zilberman não podemos considerar a fantasia como escapista e nem acreditar que as imagens produzidas a partir dela desligam-se do cotidiano ou da existência daquilo com que o autor convive. Para ela, fantasia relaciona-se com o mundo, encontra acolhida no imaginário, porém esse não é o seu único trabalho, pois ela relaciona o exterior com associações e articulações das experiências do sujeito.

E nesse aspecto a literatura é grande aliada para abordar as diversas questões que já citei anteriormente as quais estão relacionadas com situações vividas pelo ouvinte da história ou leitor. Abramovich acredita que a fantasia é uma das formas que nos ajuda a perceber, sentir, raciocinar as nossas relações com o outro e com o mundo, já a realidade é um impulsionador para desencadear nossas fantasias.

Para compreender como as crianças agiam diante das situações apresentadas através das histórias, as quais se assemelhavam às vividas por elas, procurei observar as reações delas enquanto ouviam e também registrar suas falas. Anotava além das relações que estabeleciam durante as contações, outras que surgiam em variados momentos nas quais eram capazes de relacionar o projeto com as suas vivências.

Por exemplo, quando contei a história “Maria vai com as outras” aproveitei o fato de a ovelha ir para vários lugares para estudarmos locais que haviam se mostrado do interesse das crianças. Os pólos eram frequentemente citados quando olhávamos mapas e globos e por isso

conhecer mais sobre tais locais deixou a turma eufórica. Em uma das aulas dei uma breve explicação sobre a camada de ozônio, enfatizando que nós estamos poluindo, destruindo florestas e que cada vez abre mais “esse buraco no céu”, deixando assim o sol mais forte, causando doenças de pele e que também tem provocado o derretimento das geleiras. O aluno <sup>1</sup>GS mostrou uma pequena mancha na orelha, a qual diz ter aparecido por causa do sol. Além dos pólos, o Egito foi um tema que os atraiu bastante, principalmente, porque o Egito está sempre presente nos filmes e desenhos através das múmias, por isso foi interessante explicar algumas curiosidades e entenderem o que são.

Para abordar a temática dos medos, primeiramente, perguntei à turma se sentiam medo de alguma coisa e conversamos sobre eles, deixando claro que ter medo é normal e que todos nós sentimos medo de alguma coisa. Conteí duas histórias que retratam os medos dos personagens principais cujos títulos são “O grande livro dos medos” e “Chapeuzinho Amarelo”. Além dessas duas, levei o livro “Beleléu”, cujo personagem principal é um monstro que adora bagunça e esconde as coisas as quais encontra fora de lugar. *De modo geral, as histórias tratam o medo como algo natural, perfeitamente superável e que pode ser enfrentado. Os livros infantis sobre o tema sugerem que, ao expressarmos nossos medos, pela fala, pela leitura e outras formas de expressão eles podem ser aliviados ou resolvidos.* (Bergmann, 2007)

As crianças contaram os seus medos, principalmente, depois de ouvirem a história “O grande livro dos medos”, alguns até disseram que são medrosos como o ratinho da história. Impressionou-me também o fascínio deles pelo lobo. Já o “Beleléu”, causou um encantamento nas crianças, não sentiam medo dele, afinal é um monstrinho muito simpático que não parece fazer algum mal, apenas esconde as coisas que estão fora de lugar, fato que os favorece muito porque encontraram um culpado para a desorganização... Não foram eles, foi o Beleléu!

Realizamos uma votação na turma de Jardim para verificar quais os maiores medos deles para depois construirmos um gráfico. O segundo medo mais votado foi o de Zumbi. Nas brincadeiras realizadas pelas crianças no pátio, tal figura é muito comum. O M2 adora “ser o zumbi”, além do mais foi ele quem começou a brincar disso, as crianças fogem para que ele não as pegue. Durante nossas conversas, M2, revelou seu medo de zumbis, mas o fato de ele poder brincar, se transformar em um, oportuniza amenizar esse sentimento, permite tornar uma situação agradável onde ele vence seu medo.

---

<sup>1</sup> Os nomes são fictícios para preservar as identidades dos sujeitos que participaram da pesquisa.

Essa magia de poder transformar as coisas em outras é fundamental no universo infantil. As crianças brincaram de monstros, de ficar no escuro e a sensação de medo sentida por elas lhes proporcionava prazer, conseguiam imaginar, brincar e até os maiores medos viraram diversão. Permitiram-se brincar com os medos e sentiram prazer na sensação de ficar amedrontado. Deram-se conta de que o medo está presente na vida de cada um e que não há nada de mal senti-lo, porém notaram que não podemos deixar que nos dominem e que podemos vencê-los.

Para contar a história “Rita, não grita!” utilizei como recurso uma boneca para demonstrar as birras de Rita, esticando-a e batendo os pés enquanto gritava. JV comentou: “Eu gosto da Rita ela grita aaaah! E eu grito que nem ela lá na minha casa por causa que eu queria pão!”. Após a contação, conversamos sobre as brincadeiras que aparecem na história. As crianças não conheciam uma peteca, não escutaram falar ou mesmo tinham visto uma, portanto, mostrei no livro a imagem dela e tiveram a oportunidade de confeccioná-la. Falamos sobre as brincadeiras que conhecem, o que gostam de fazer, bem como refletimos se a tempos atrás era assim. Segundo Fortuna (2007) as brincadeiras, os jogos, os brinquedos se fazem presente no convívio social há muitos anos e no passado a própria criança tinha acesso ao processo de construção de brinquedo.

É de extrema importância ressaltar o envolvimento demonstrado pelas crianças. Alguns alunos conheciam a brincadeira chamada Cabra Cega, mas Batata Quente e Passa Anel nenhuma delas conhecia e muito menos havia brincado. Ao dialogarmos sobre cantigas de roda lembrei que estudamos danças com ritmos de outros países, mas com músicas daqui do nosso folclore, lembraram-se com empolgação e acrescentei que, certamente, nossos avós e bisavós brincavam de roda e que na minha infância também gostávamos. “*A transmissão e a valorização da brincadeira é uma dessas trilhas que levam o indivíduo à condição de membro de um grupo, gerando laços de pertencimento e compromisso.*” (Fortuna, 2007). As crianças ficaram comentando e imaginado como os avós brincavam, como eram as ruas, as casas e questionaram como eu brincava e com quem brincava. Gostaram de conhecer sobre algo que, provavelmente, fez parte da infância de seus avós, pais e professora.

Para fazermos o encerramento de nosso projeto decidi construir um livro com a turma. Baseamo-nos no livro “Pequeno manual de monstros caseiros”, o qual fala sobre a existência de monstros em todas as casas. Na leitura do primeiro monstro, as crianças já se prenderam à história. Assim que acabei de ler as características de Atchinus, que é o monstro do espirro e nariz escorrendo, disseram que esse monstro pegou a MA. Enquanto eu lia MA estava rindo e após concordou com o comentário dos colegas. Além dela, o M1 falou que Atchinus pegou

ele também. Mais adiante, falei sobre o Milimpulsus (monstro do telefone) e a VA comentou: “esse aí pegou minha mana, ela fica um tempão no telefone e minha mãe reclama. Esses dias ela ficou, ficou e ficou...”. Além desses monstros, conseguiram se visualizar em mais alguns, identificaram-se muito com o livro e compreenderam o sentido da história. Sabiam que os tais monstros eram crianças, mas isso permitia que eles brincassem com esses comportamentos os quais, normalmente, são mal vistos. Afinal, que culpa tem eles se esses monstros atacam? Entraram na magia e não sentiram receio ou medo de falar que são teimosos, birrentos, que fazem bagunça, ou melhor, que o monstro Bagunsus, o Chuá e a Kerulógu os pegou.

A literatura permite fantasiar e mistura-se com a realidade, possibilitando que as crianças se enxerguem nos personagens e que de maneira prazerosa consigam lidar com situações presentes em suas vidas, principalmente, com aquelas características tratadas como defeitos ou maus modos. Ela faz com que a criança se ponha no lugar do personagem e viva aquela situação com graça, leveza, diferentemente de quando é criticada pelo seu jeito. “*A fantasia transfere essa forma para a literatura, e o leitor procura ali os elementos que expressam seu mundo interior*”. (Zilberman, 1990)

Não há necessidade de comparar os personagens à criança, enquanto ela ouve está estabelecendo essa relação. Se isso é feito, acaba com o prazer e intenção da contação, se for para pregar moral não se faz necessário o uso da história.

A criança é quem deve observar, analisar, tirar suas próprias conclusões, e ser capaz de observar a mensagem contida na história. Portanto, não subestimem as crianças! Enquanto elas escutam a história e mostram-se sorridentes, ativas ou quietinhas estão com as mentes povoadas de idéias, capazes de fazer suas próprias relações, bem como tirar suas conclusões.

Zilberman (1990, p.34) argumenta sobre essa capacidade da literatura:

O mais importante é que a fantasia dá forma compreensível àqueles fenômenos, que transparece por meio de ações e figuras, relações entre elas, saídas para os problemas levantados. E porque a forma empregada é compreensível, pode ser adotada por outros indivíduos, que, assim, tem condições de entender suas próprias dificuldades, refletir sobre elas, buscar um caminho para seus dramas pessoais ou sociais.

Então, percebemos que em cada casa tem um monstrinho e que eles circulam por outros espaços também, como na nossa sala. Portanto, encerramos com a identificação de tais monstros e confeccionamos um livro para finalizar com uma história um projeto cheio de histórias. Histórias de personagens, histórias de vidas, de lugares, de culturas, de tempos.

Encerramos com a certeza de que todo mundo esconde um monstrinho e basta encontrá-lo, reconhecê-lo, observando seus pontos fracos para podermos mandá-lo embora.

As crianças criaram cada uma seu próprio monstro baseado em suas características a partir da proposta: Algum desses monstros já apareceu na casa de vocês ou já os atacou antes? Como seria o monstro de vocês? As crianças ilustraram e ditaram as características. Apresento os monstros criados por elas.

<sup>2</sup>Livro confeccionado pela turma de Jardim: *Montrinhos do jardim*

Monstro do Sono - (C, menino, 5 anos)

“Quando esse monstro me ataca eu fico com muito sono e não consigo fazer mais nada”

Monstro Ranhento - (M1, menino, 5 anos)

“Esse monstro sempre vem na minha casa e coloca ranho no meu nariz! Daí ele fica escorrendo toda a hora.”

Monstro Comilão - (R, menino, 5 anos)

“Quando eu durmo, esse monstro me derruba da cama, aparece debaixo da mesa e me faz comer tudo o que eu vejo.”

Monstro do Livro - (B1, menino, 5 anos)

“Ele me faz ler muitos livros e me prende nas histórias, daí eu não consigo sair!”

Monstro da Enganação – (V1, menino, 5 anos)

“Esse monstro só me engana! Quando eu junto tudo, todos os brinquedos ele já bagunça tudo de novo!”

Monstro que bota o pé – (I, menino, 5 anos)

“Esse monstro me pega e me faz colocar o pé pra derrubar os amigos. Ele me pegou faz tempo... E não foi mais embora.”

Monstra do Quero Tudo – (MA, menina, 5 anos)

“Ela me faz querer tudo na mesma hora. Ele me pega gruda e não solta!”

<sup>2</sup> Os livros foram confeccionados na última semana do projeto, por isso, alguns sujeitos que não estiveram presentes na semana não participaram da criação do livro.



Monstra Dadada – (Y, menina, 5 anos)

“Ela me deixa com dor de garganta e dói quando eu engulo a comida.”

Monstro da Pressa – (GS, menino, 5 anos)

“Ela me apressa em tudinho! Tudo o que eu faço! Daí eu não deixo mais ninguém falar.”

Monstro da TV – (L, menino, 5 anos)

“Ele faz muita coisa na frente da tv. Daí eu não consigo sair pra ver outras coisas.”

Monstro com um monte de olhos – (G, menino, 5 anos)

“Esse monstro me faz ter medo. Ele me assusta quando eu apago a luz, bota a mão na cadeira e puxa. Daí eu fico assustado e me escondo debaixo das cobertas até ele ir embora.”

Monstro da Noite – (RY, menina, 5 anos)

“Esse monstro me aterroriza à noite, me faz ficar com medo. Daí eu durmo com os meus pais.”

Monstra Tagarela – (VA, menina, 5 anos)

“Ele me pegou e eu fiquei tagarela... Daí eu falo bastante e não tenho sono. Por causa dela, todo mundo reclama que eu falo demais.”

Monstra da Preguiça – (S, menina, 5 anos)

“Ele me pega e faz bagunçar tudo. Depois eu tenho preguiça de juntar.”

Monstra do sono – (MY, menina, 5 anos)

“Essa monstra me pega toda à hora e me faz ficar com sono sempre!”

## **Quadro 2 – Livro confeccionado pela turma de Jardim**

Livro confeccionado pela turma de Maternal: *Monstros do maternal*

Monstro Bomba – (A, menina, 4 anos)

“Quando ele joga uma bomba em mim eu fico uma bomba. Ele me deixa nervosa.”

Monstro Atchim – (JV, menino, 4 anos)

“Quando ele me pega eu fico sentado tremendo e também chuto os outros.”

Monstro Dute – (JP, menino, 4 anos)

“Ele me chuta daí eu fico chorando o dia todo.”

Monstro Devorador – (B2, menino, 5 anos)

“Esse monstro come tudo e quando me pega eu como tudo!”

Monstro do Escuro – (MX, menino, 4 anos)

“Quando ele me ataca eu se tremo, se tremo, se tremendo assustado, muito assustado! Depois fico na minha cama relaxando.”

Monstro Espelho, Monstro Fogo e Monstro Dr. – (SM, menina, 5 anos)

“Quando o Dr. me pega eu fico bagunçando, quando o do espelho me pega eu fico um monte no espelho e quando o fogo me pega eu fico debaixo das cobertas me esquentando e depois eu já to quente.”

Monstro do Espelho – (BE, 3 anos)

“Eu acordo e fico tremendo e daí o monstro do espelho me pega.”

Monstro Espirro – (T, 3 anos)

“Eu tava fazendo uma coisa e depois eu tava contente e depois espirrando, espirrando e daí ele não buscou papel!”

### **Quadro 3 – Livro confeccionado pela turma de Maternal**

## 5. ALTERAÇÃO DE COMPORTAMENTOS

Elaborei um parecer individual com as características que observei antes de ser realizada a pesquisa e ao final dela. Devido ao grande número de crianças envolvidas no estudo, selecionei algumas que demonstraram maiores problemas de relacionamento. Apresento as análises que fiz de alguns sujeitos:

### Turma de Maternal

(T,3 anos)	Seu relacionamento com os colegas era turbulento, bem como com outros profissionais da escola. Demonstrava intolerância em ouvi-los. Minha relação com ela era boa, mas muitas vezes, quando contrariada, se mostrava bastante irritada. Os momentos em que se zangava eram muito frequentes, bastava alguém contrariá-la, mesmo que fosse de forma muito sutil, para que ela mudasse seu humor. Jogava-se no chão, atirava o tênis longe e batia em quem chegasse perto. Demonstrava-se resistente para se juntar aos demais e participar das propostas. Não aceitava dividir os brinquedos com a turma e se alguém apenas encostasse em algum objeto seu ficava furiosa.	Os recursos que eu usava durante as aulas começaram a interessar T. As histórias a atraíam muito e passou a ouvi-las concentrada. Após, fazia alguns comentários ou perguntas sobre as ações dos personagens. Notei que a frequência com que se zangava foi decrescendo. As reações ainda eram intensas, mas diminuíram até ocorrer uma vez por semana. Contudo, passou a ouvir o que eu lhe dizia, entender o porquê de algumas situações e a aceitar o que era argumentado, mostrou-se mais tolerante. Atualmente, não se percebe mais as atitudes que tinha. Quando fica brava pode até gritar ou chorar, mas é uma reação que demonstra menos raiva que as anteriores. Ainda bate ou xinga um colega quando é provocada, mas não mais provoca as situações
(V2, 3 anos)	V2 e T brigavam muito, competiam. V2 pegava os objetos que T gostava e fazia-lhe caretas para provocar, mas seus conflitos não eram apenas com ela, batia em outros colegas também. Não gostava de conversar ou de contar coisas, falava bem baixinho e mostrava-se disperso.	Ambos tem se mostrado mais tolerantes, tanto um com o outro quanto com os outros colegas. Às vezes, V disputa, outras vezes bate, porém antes tais conflitos eram constantes, esgotando as crianças e professora. V não gosta muito de ouvir os demais, pois se dispersa facilmente, mas sente-se a vontade para contar coisas.
(JV, 4 anos)	JV seguia tudo o que B2 fazia, bem como obedecia ao que lhe pedisse. Onde B2 sentasse, sentava o JV, porém tal relação não estava sendo boa para ele porque já não fazia mais as coisas que tinha	JV copia B2 em algumas coisas, pois o admira, mas também faz as coisas que tem vontade. Nota-se que hoje os dois se admiram e se respeitam. O fato de resolver seus conflitos com brigas ainda é frequente, contudo é consciente de suas

	<p>vontade. Copiava B2 em tudo. Outra atitude frequente era bater nos colegas por ser contrariado, para pegar o objeto que desejava e várias vezes sem qualquer motivo: passava ao lado do colega e disfarçadamente chutava, colocava o pé no caminho e etc.</p>	<p>atitudes, compreende que há outras formas de resolver e algumas vezes consegue solucionar com diálogo.</p>
(B2, 5 anos)	<p>Tem um grande poder de liderança sobre a turma e, sabendo disso, se utilizava da admiração dos outros para mandá-los fazer o que desejava e dar ordens constantemente. Inúmeras vezes observei ele pedir que fizessem algo que chateasse um colega, para que estragassem materiais ou objetos. Gostava de incomodar os demais e sentia-se mais contente quando eles ficavam perturbados e choravam. Demonstrava-se irônico quando eram lhe explicadas algumas situações.</p>	<p>Não usa mais a sua liderança para prejudicar os colegas. Em variadas brincadeiras lidera, organiza, mas de forma positiva. Passou a se preocupar mais com as sensações do colega. Escuta os argumentos que lhe são apresentados e busca compreender as explicações. O hábito de incomodar os colegas ainda é comum, mas para quando percebe exageros.</p>
(MX, 4 anos)	<p>Usava o choro para se comunicar em diversas situações. Fato que já havia se tornado motivo de deboche entre os colegas. Desatava a gritar e chorar caso alguém se negasse a emprestar algum objeto porque estava utilizando no momento. Qualquer coisa que lhe dissessem fazia com que berrasse e como os colegas já sabiam disso faziam propositadamente para provocá-lo. Esses momentos em que reagia com choro eram intensos, não permitindo que conseguisse dizer o que estava acontecendo e demoravam a cessar. Outra atitude habitual de M era dar socos, empurrões, etc. costumava bater frequentemente e usava de bastante força, pois muitas vezes derrubava alguns colegas no chão.</p>	<p>M tem usado mais o diálogo para se comunicar, ainda se vale do choro para expressar suas vontades, no entanto, tal atitude atenuou bastante. Certas vezes, pede aos colegas que parem, pois não está gostando de alguma forma como está sendo tratado. As reações com socos, tapas, etc. foram, gradativamente, reduzindo, ocasionalmente, reage dessa forma.</p>

**Quadro 4 – Sujeitos analisados turma de Maternal**

## Turma de Jardim

(B1, 5 anos)	<p>Quando o B1 chegou à escola não interagia com as professoras e com a turma, parecia se sentir deslocado do ambiente. Ficava sentado quieto, e somente pegava um brinquedo se lhe fosse oferecido. No pátio, frequentemente, angustiava-se com algumas brincadeiras dos colegas ou se preocupava excessivamente com coisas ditas por eles. B2 sentava-se conosco para formar a roda, mas apenas ouvia, não falava, nem participava. Quando era lhe perguntado algo dizia não lembrar-se. Eu notava também, que não se sentia à vontade para tocar nos objetos ou imagens que eram levados a fim de ilustrar algum assunto. Bem como o toque no seu corpo parecia lhe incomodar. Falava com as professoras apenas quando necessário, pedindo para amarrar os tênis ou então ir ao banheiro, mas a voz saía com muita dificuldade, ou apenas apontava o que desejava.</p>	<p>Em algumas brincadeiras que realizamos nas quais era preciso a exposição de um aluno ou mesmo usar o toque, B2 passou a se oferecer para participar. Durante as histórias se divertia e passei a observar que o contato com os livros se tornou diário, pois se sentava no tapete com diversos selecionados por ele.</p> <p>Sua relação com os colegas era complicada, pois não conseguia brincar sem puxar, dar tapas, o que provocava o afastamento deles. Passou a integrar-se mais nas brincadeiras em grupo, principalmente, nas realizadas no pátio, local onde surgiam os maiores conflitos.</p> <p>O receio de falar e de tocar foi abandonado aos poucos e B2 passou a se valer da fala, em tom normal, para se expressar.</p>
(GS, 5 anos)	<p>Não mostrava interesse pelas atividades, fazia rápido, não se envolvia muito. Inquieto, tinha muita pressa para falar, andar. Costumava incomodar os colegas e arrumava vários conflitos, quando eles reclamavam quase sempre protestava: mentira!</p>	<p>Gabriel ficou eufórico com as propostas das aulas, acompanhava diariamente o feijão que plantamos, observava as experiências, fazia comentários, relacionando os assuntos que abordávamos com as suas vivências. Os conflitos continuaram presentes, mas reduziram a frequência.</p>
(VA, 5 anos)	<p>Falante, tem mania de gritar e de mandar nos colegas. Mostrava-se inquieta e dispersa. Conversava bastante e não apresentava muito interesse nas atividades.</p>	<p>As propostas diferentes, as novidades levadas, as surpresas como eu chamava, encantaram VA e despertaram nela uma curiosidade imensa de descobrir coisas novas, de conhecer mais sobre variados assuntos. Uma das primeiras perguntas</p>

		que me fazia ao entrar na escola era: hoje tem surpresa? Pedia para aprender mais novidades e ficava na expectativa da surpresa do dia. Animava-se com as propostas e fazia comentários eufóricos. Continua tagarela e falando alto, característica reconhecida por ela e respeitada pelo grupo.
(S, 5 anos)	Não se mostrava interessada pelas atividades, geralmente, ficava dispersa e não as concluía. Dizia estar cansada, com preguiça. Quando lhe perguntado algo dizia não saber. Ela não se esforçava para aprender as coisas as quais não sabia. A desorganização com suas coisas eram constantes. Deixava a mochila, materiais, lixos e casacos espalhados, dizia não conseguir guardá-los ou pendurá-los.	S em muitas situações demonstra preguiça, mas esforça-se para realizar algumas coisas. Um dia chamou as professoras para verem que ela havia pendurado sozinha a sua mochila, sem ajuda de alguém e antes de lhe pedirem, também, começou a organizar o que antes ficava espalhado sobre a mesa ou caído no chão. As aulas começaram a animá-la e mostrava interesse nos livros, divertindo-se com as histórias.
(R, 5 anos)	Não apresentava muito interesse pelas atividades, quando alguma proposta exigia um pouco de concentração, fazia rápido, sem se esforçar. Se algo o incomoda não falava para os colegas, sua primeira atitude era bater, arrumava conflitos com a maioria da turma.	As aulas passaram a envolvê-lo, se mostrou curioso e interessado diante das novidades. As brigas persistem, no entanto, se mostra mais disposto a ouvir, conversar e avaliar suas atitudes.
(V1, 5 anos)	Parecia não ouvir quando lhe dirigíamos a palavra, mostrava-se indiferente às professoras, não nos dava atenção e nem demonstrava interesse quando falávamos com ele. Desentendia-se com o colega R e brigavam diariamente. Chorava bastante ao se sentir incomodado com atitudes dos colegas.	Passou a se atrair muito pelas histórias e a se divertir com elas. Apresentava-se muito curioso, interessado em objetos, assuntos diferentes. As novidades apresentadas e as propostas que eu levava despertou nele um fascínio pelas aulas. V se envolvia e participava das conversas, das atividades, fazia questionamentos, respondia questões e expressava suas opiniões. Passou a manifestar carinho, às vezes, quando eu menos esperava me dava um beijo, sendo que no início ele mal me olhava. Os desentendimentos com R diminuíram.

		Chora para expressar seu desagrado, mas também esclarece os motivos.
(M2, 5 anos)	A adaptação de M1 na escola não foi fácil, recusava-se a entrar na sala e ficava bastante irritado, também reagia com choros. Mostrava-se desinteressado nas propostas coletivas. Chorava bastante para demonstrar suas insatisfações.	Ficava observando as histórias e conversas e algum momento depois se juntava ao grupo, primeiramente, quieto, parecia chegar devagar para que não notassem sua presença, contudo envolvia-se no que estava acontecendo e passava a se divertir. Ir para a escola tornou-se um prazer para M1. A mãe comentou que, às vezes, não podia levá-lo e que ele pedia para ir. Dizia não poder faltar, explicando a proposta que seria realizada ou porque queria ver a “profe”. As reações com choros permaneceram, mas se mostra disposto a ouvir, o que não ocorria inicialmente.
(C, 5 anos)	A adaptação na escola não ocorreu de forma muito fácil. Negava-se a entrar na sala de aula, demonstrava-se inseguro diante do novo ambiente desconhecido até então porque não havia frequentado a escola anteriormente. Porém, após uma conversa com seu pai e professoras ele entrava, mas permanecia resistente, sentado sem querer falar com alguém. Instantes depois ele observava as brincadeiras, e quase sempre escolhia o jogo “engenheiro” para montar cidades e castelos, contudo sozinho. Realizava as atividades e sentava-se junto à turma nas rodas de conversa, porém permanecia em silêncio e, frequentemente, abaixava a cabeça quando voltávamos o olhar a ele.	Aos poucos, passou a integrar-se nas brincadeiras. Apresenta um pouco de timidez quando outras pessoas da escola se comunicam com ele. No entanto, se mostra bem entrosado com a turma e professoras. Passou a participar de propostas que envolviam dança e representações. Nas conversas sobre experiências que já vivenciaram começou a colaborar, contando as suas também. Demonstrou-se apaixonado por histórias, ouvia atentamente e se envolvia em algumas ações, participando da contação.

**Quadro 5 – Sujeitos analisados turma de Jardim**

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto desenvolvido para realizar a pesquisa proporcionou que as crianças pudessem reconhecer suas próprias ações e birras, entretanto, sem discursos ou encarado como algo “feio”, como habitualmente se faz. A criança deve entender por que certas atitudes são menos vantajosas em relação a outras. Meu objetivo era levar através de histórias situações que eu observava frequentemente nas turmas e mostrar que os personagens também passavam pelas mesmas dificuldades enfrentadas por eles, permitindo que elas fizessem essa relação.

Para mim, foi essencial ter o cuidado de não tornar histórias ricas em informações e tão divertidas em recursos moralizantes. Quando contamos uma história e comparamos a criança com os personagens não permitimos que ela seja capaz de fazer sua própria análise. O propósito era que conhecessem experiências vividas pelos personagens e refletissem sobre cada uma, da sua maneira.

Acredito que por isso tenham se permitido fazer tantas brincadeiras e relacionar em diversos momentos as histórias e os assuntos que estudávamos com as suas vivências. Sentiram-se confortáveis num espaço que não julgava as atitudes delas, mas sim que oportunizava buscar outras formas de solucionar os conflitos individuais e os impasses do grupo. Demonstraram ter entrado na magia, pois o livro de encerramento do projeto em ambas as turmas deixa claro que elas compreendiam suas reações e sabiam reconhecê-las, contudo o fato de dizer que um monstro os pegou deixava mais à vontade para falar de questões que são vistas como algo sério, muitas vezes encarada de maneira rigorosa. Além disso, encarar que os “monstros” estão em todas as casas e que adultos também são atacados por eles em alguns momentos deixava-os mais seguros para contar seus medos, atitudes, manias, etc.

Antes da pesquisa o convívio entre as crianças era muito difícil porque não conseguiam falar para o colega quando algo incomodava, sendo assim, para demonstrar o desgosto diante de determinada situação a primeira atitude era bater. Aos poucos essas reações foram substituídas por pedidos e explicações das próprias crianças às outras para que não agissem daquele jeito porque perturbava. Logo, passaram a brincar com as características e dizer: “hoje tu parece o menino que chovia”, “Para de gritar Rita!”. Bem como, comentavam em diversas situações dizer que os monstros estavam atacando naquele dia. Eram formas mais descontraídas de falar de questões que causavam tantos problemas de relacionamento.

As crianças foram incentivadas a se organizar, a ter autonomia para desenvolver as tarefas, a procurar a melhor solução para conflitos, a entender porque em alguns momentos



não se podia fazer o que queria. Portanto, se conhecer melhor, valorizar seu lugar, suas origens e compreender o outro, os gostos deles, o espaço de cada um foi fundamental para que o respeito se fizesse presente entre a turma.

Acredito que as histórias foram muito importantes nesse processo a partir da diversão, das informações e reflexões proporcionadas. Eram utilizados variados recursos para contá-las, desde materiais ou mesmo com mudanças de vozes, para que se tornassem ainda mais atrativas e tal momento era de muita expectativa para a turma. A cada novo livro era uma vibração e isso no início não era tão forte. Observei que a literatura tornou-se um prazer. Um hábito gostoso.

Posso concluir que acompanhamento diário, envolvendo o empenho de ouvir as crianças, procurar entendê-las, ajudá-las nesse caminho em busca de si e de mostrar que atitudes tomadas envolvem o bem estar de si e do outro, e a escolha de histórias apropriadas foi fundamental para que a mudança se tornasse possível.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1995
- ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **Pinote, o fracote e Janjão, o fortão**. São Paulo: ÁTICA, 2008.
- BERGMANN, Leila Mury; Eliete Zotti Bonfadini. **O medo nas histórias infantis**. Entrelinhas, São Leopoldo, ano IV, n.1, jan/jun 2007. Disponível em: <http://www.entrelinhas.unisinios.br/>. Acesso em: Agosto de 2010.
- BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.
- DONALDSON, Julia. **O Grúfalo**; tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 2006.
- DONALDSON, Julia. **O Filho do Grúfalo**; tradução de Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 2006.
- DUGNANI, Patrício. **Beleléu**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- FORTUNA, Tânia Ramos. **Brincar é aprender: a brincadeira e a escola**. Disponível em [http://www.sandrabozza.com.br/BRINCAR\\_E.pdf](http://www.sandrabozza.com.br/BRINCAR_E.pdf). Acesso em 8 jan. 2010
- FORTUNA, Tânia Ramos. **Crianças, brincadeiras e brinquedos: significando o contexto educativo**. Seminário Internacional da OMEP/BR/MS “Culturas da infância: criança, educação e práticas sociais” em Campo Grande. Disponível em: [www.omepms.org.br/](http://www.omepms.org.br/). Acesso em: Agosto de 2010.
- GRAVETT, Emily. **Grande livro dos medos**. São Paulo: Salamandra, 2005.
- KAMII, Constance. **A criança e o número: implicações educacionais de Piaget para a atuação junto a escolares de 4 a 6 anos**; tradução de Regina A: de Assis. Campinas: Papirus, 1984.
- KAERCHER, Nestor André. A geografia é o nosso dia-a-dia. In: **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB, 2003, P.11-21
- LA TAILLE, Yves de. **Limites : três dimensões educacionais**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2001. 151 p.
- MARIJANOVIC, Stanislav. **Pequeno manual de monstros caseiros**; tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das letrinhas, 1998.
- MUNIZ, Flávia. **Rita, não grita!** São Paulo: Melhoramentos, 2005.
- MUNIZ, Flávia. **A caixa maluca**. São Paulo: Moderna, 2002.
- ORTHOF, Sylvia. **Maria vai com as outras**. São Paulo: Ática, 2008.
- OTERO, Regina; Regina Renno. **Ninguém é igual a ninguém**. São Paulo: Editora do Brasil, 1998.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1967. 151 p.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. 3.ed. São Paulo: Summus, 1994. 302 p.
- ROCHA, Ruth. **O jacaré preguiçoso**. São Paulo: Salamandra, 2005.
- THEBAS, Cláudio. **O menino que chovia**. São Paulo: Cia das letrinhas, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

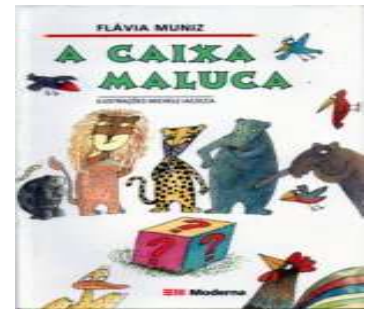
## ANEXOS – Livros infantis utilizados na pesquisa

**Título:** *A caixa maluca* (2002)

**Autor:** Flávia Muniz

**Editora:** Moderna

**Resumo da obra:** Uma caixa surge na mata, mas a quem ela pertence? É do sapo? É do macaco? Os animais disputarão a caixa com muitos xingamentos e brigas para ser o dono dela. A curiosidade leva a acreditar que há nela algo de valor, mas no final descobrirão que...

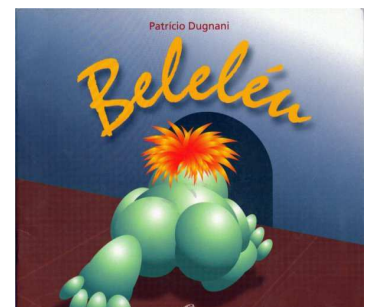


**Título:** *Beleléu* (2003)

**Autor:** Patrício Dugnani

**Editora:** Paulinas

**Resumo da obra:** Beleléu é um monstrinho verde que adora bagunça e vive escondendo as coisas que encontra espalhadas. A única maneira de escapar do ataque dele é manter tudo organizado, mas se você deixá-las por aí... Pode ter certeza, o Beleléu vai pegar!



**Título:** *Chapeuzinho Amarelo* (2010)

**Autor:** Chico Buarque

**Editora:** José Olympio

**Resumo da obra:** Era a chapeuzinho Amarelo. Tinha medo de tudo. E de todos eles o maior era o medo de lobo. Até que um dia ele apareceu e, foi então, que o medo sumiu... Ela gritou muitas vezes o nome do lobo: LOBO LOBO LOBO LOBO! E o lobo virou bolo!



**Título:** *O Filho do Grúfalo* (2006)

**Autor:** Julia Donaldson

**Editora:** Brinque-Book

**Resumo da obra:** O Grúfalo avisou o seu filho que é perigoso andar na floresta sozinho, pois o rato mau pode aparecer. Mas, apesar dos conselhos o ratinho resolve querer encontrá-lo e numa noite desobedece ao pai. O tal rato mau existe? O filho do Grúfalo irá levar um grande susto e buscará proteção nos braços do pai.



**Título:** *O Grúfalo* (2006)

**Autor:** Julia Donaldson

**Editora:** Brinque-Book

**Resumo da obra:** O que um ratinho pode fazer para passear pela grande floresta sem virar petisco de algum animal? Ora, ele vai se encontrar com o Grúfalo! Você não sabe o que é um Grúfalo?

O Grúfalo é um animal que nem o ratinho sabia que existe, mas a sua invenção é real. E agora ele precisa inventar outra história para escapar do Grúfalo.



**Título:** *Maria vai com as outras* (2008)

**Autor:** Sylvia Orthof

**Editora:** Ática

**Resumo da obra:** Maria sempre seguia as outras, tudo o que elas faziam, ela fazia também. Por mais que Maria não estivesse contente continuava a imitar as outras. Porém, um dia Maria pensou se era preciso fazer tudo igual às outras, foi então que ela deu uma requebrada e decidiu fazer as coisas do seu jeito.



**Título:** *Ninguém é igual a ninguém* (1998)

**Autor:** Regina Otero e Regina Renno

**Editora:** Editora do Brasil

**Resumo da obra:**

Danilo relata que na rua onde mora tem gente de todos os jeitos e conta como cada um reage quando é atingido em sua fragilidade. Por fim, o personagem lembra que sofreu por rirem de suas características físicas, mas que hoje ele não se incomoda, pois conhece suas qualidades e ressalta que cada um tem as suas.



**Título:** *Grande livro dos medos* (2005)

**Autor:** Emily Gravett

**Editora:** Salamandra

**Resumo da obra:** Neste livro encontramos um ratinho medroso, que tem medo de tudo! De escuro, do que tem embaixo da cama, de água, de barulhões, de se perder. Mas que descobre que mesmo sendo tão pequeno e assustado, alguém tem medo dele.

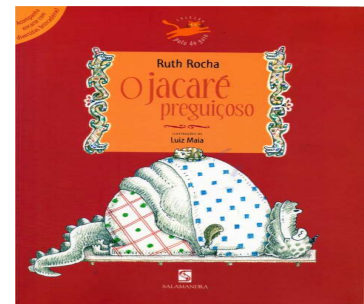


**Título:** *O Jacaré preguiçoso* (2005)

**Autor:** Ruth Rocha

**Editora:** Salamandra

**Resumo da obra:** Jácomo estava cada vez mais comilão e preguiçoso. Todos avisavam que se um dia aparecesse um caçador ele não conseguiria fugir, mas Jácomo continuava a comer e dormir. Até que um dia os caçadores apareceram e todos fugiram, menos Jácomo que foi parar no Zoológico...

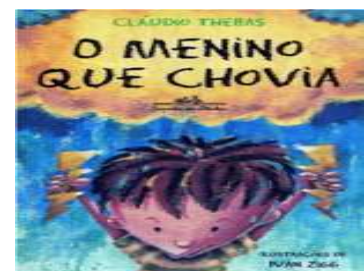


**Título:** *O menino que chovia* (2002)

**Autor:** Cláudio Thebas

**Editora:** Cia das letrinhas

**Resumo da obra:** Qualquer coisa era motivo para o menino chover. E não era chuvinha, chuvisco, era tempestade com raios e trovões. Se fosse contrariado desabava a chuva. Até que um dia inundou a casa... E foi no meio da inundação que a família encontrou uma maneira divertida de cessar com a chuva.

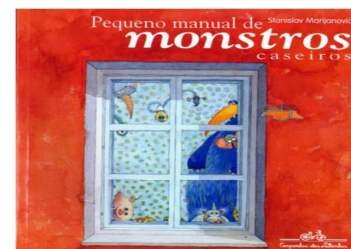


**Título:** *Pequeno manual de monstros caseiros* (1998)

**Autor:** Stanislav Marijanovic

**Editora:** Cia das letrinhas

**Resumo da obra:** Estes monstrinhos são encontrados em todas as casas e provocam muita confusão por onde passam. Deixam brinquedos fora de lugar, aprontam surpresas, soltam gritos, derramam coisas no chão... Quem são eles? São os monstros caseiros, criaturinhas que adoram causar confusão.



**Título:** *Pinote, o fracote e Janjão, o fortão* (2008)

**Autor:** Fernanda Lopes de Almeida

**Editora:** Ática

**Resumo da obra:** Um dia a turma de amigos resolveu brincar de rei dos piratas, é claro que Janjão era o rei. Deu muitas ordens e ninguém desobedeceu, pois ele era o mais forte. Porém, Janjão reparou que Pinote não havia obedecido e decidiu perguntar. Então, foi usando o pensamento que, Pinote, o menino mais fraquinho da turma derrubou Janjão o fortão.



**Título:** *Rita, não grita!* (2005)

**Autor:** Flávia Muniz

**Editora:** Melhoramentos

**Resumo da obra:** A Rita era muito tagarela, vivia fazendo birra. Bastava o short estar amarrotado e pronto, já abria aquele bocão! Para tudo batia o pé, e estava sempre com o berro solto. Ninguém mais agüentava essa mania da Rita. Os colegas combinaram um plano para acabar com os gritos. E assim a Rita descobriu que sabe resolver as coisas numa boa.

